

# O saber do Ti' Manel Cavalheira...



**O CAFÉ DA-GUIA**  
José de Azevedo

Por sugestão de Manuel Lopes, o Dr. Luís Martins, professor do Centro de Estudos de Antropologia Social da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), residiu algum tempo na casa de Manuel Agonia Rajão, o *Tio Manel Cavalheira*, para acompanhar de perto o dia-a-dia da vida dum pescador. Dessa estadia, resultou a sua tese de doutoramento "Mares electrónicos em fundos sem peixe: um estudo do caso na Póvoa de Varzim e Caxinas", trabalho que dedicou às famílias *Cavalheira* e *Gerónimo Viana*, esta última das Caxinas, em Vila do Conde.

O trabalho, de grande interesse para a colmeia piscatória da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, procura "dar conta de alguns percursos das pescarias artesanais portuguesas nas duas últimas décadas - as grandes mutações ao nível de organização das companhas e da gestão do acesso ao peixe". Trabalho que a Direcção-Geral das Pescas bem poderia aproveitar.

Manuel Cavalheira foi o seu informador, mestre e conselheiro. Tudo o que se relacionasse com pesqueiros, marcações em terra, conhecimento das pedras e das beiradas, classificações do mar, partes repartidas, aparelhos de bordo, alegrias e tristezas de um homem do mar, o *Tio Cavalheira*, hoje com 80 anos, desfiava o seu precioso álbum de recordações. Passava a pente fino tudo o que se relacionasse com o "modo de vida do pescador poveiro", usos, tradições, religiosidade, credences, romarias e culinária local. Aliado a esse rol de conhecimentos, o *Tio Manel*, usando a sua linguagem característica de pescador "escachado" (1) e humildade cativante, acrescentava ao conteúdo da conversa não só uma riqueza de pormenores importantes para o trabalho académico como um singular vocabulário local muito próprio.

Esse currículo pesqueiro invejável "agarrava" Manuel Lopes, que recorria amiúde aos seus conhecimentos, não só para historiar a pesca do seu tempo como para identificar velhas fotografias e siglas do antigamente. Cavalheira funcionava

como guardador de memórias da comunidade piscatória local. Para além disso mostrava (e ainda mostra...) uma disponibilidade total para representar a cidade no país ou no estrangeiro. Em 1963, num dos carros do "2.º Cortejo Nacional do Mar", figurou como tripulante da catraia "Sameiro", do Filipe da Neta, acompanhando o seu pai, o homem do leme. A partir daí, tomou-lhe o gosto, e não houve cortejo de mar onde não participasse, ou representação da Póvoa onde não fosse convidado, ora envergando o fato branco de festa, ora a camiseta aos quartos de tripulante. Na "Praça da Alegria", o programa da manhã da RTP, falou dos velhos costumes poveiros já desaparecidos. Era um "homem de respeito" na acepção da palavra. Para ele a sua cidade e a sua classe estava acima de todas as coisas.

## TIO MANEL CAVALHEIRA

Manuel Agonia Rajão, "o *Manel Cavalheira*", nasceu na casa de seus avós, à Rua dr. António da Silveira, 19, na Póvoa de Varzim, a 24 de Fevereiro de 1926. Dos onze irmãos, só escaparam cinco. Era filho de Ana Fernandes Moça, a "Ti' Ana do Praga", e de Tomás Pereira Rajão, o *Tio Cavalheira*, um herói poveiro imortalizado nos azulejos do molhe norte do porto de pesca.

A vida do *Tio Manel* não foi fácil. Com onze anos já "andava ao mar" com o pai, proprietário de duas catraias: "São José", que governava, e a "São Sebastião", cujo mestre era o Adolfo Cacholas. Esta última embarcação acabou por ser comprada pelo realizador Leitão de Barros para o filme "Ala Arriba". Filme onde *Manel Cavalheira* e o pai foram figurantes a bordo do barco à vela "São José" - governado pelo mestre *Carrancha*, - que iria salvar o barco do *Zé da Bela Flor*, que naufragara à entrada da barra.

*Manel Cavalheira*, pescador *trovão* (2) e teimoso, gabava-se de que "não tinha medo do mar. O mar é que tinha medo dele!". Era conhecido pela coragem com que entrava e saía da barra da Póvoa, fizesse o tempo que fizesse.

Ainda não tinha dezasseis anos quando naufragou, a sério, pela primeira vez. Navegava a sudoeste da barra da Póvoa, à pesca da faneca, no *fedorento*, a bordo da "São José", uma embarcação de 14 palmos, governada pelo seu pai e pelo César

da *Matuta*. Conta ele: "com o mau tempo a aproximar-se, o meu pai queria regressar para terra e o César teimava em ficar. A certa altura caiu um *suestão* e uma rabanada de vento virou a catraia a vela e remos. *Vamos morrer todos c'ó a boca cheia de água...* - lamentava-se o meu pai. Então, o *Tone*, filho do meu primo *Zé Maneta*, lembrou-se de, nu em pelote, na minha companhia, nadar até terra. Ele hesitou e eu lancei-me à água em pelo. Nessa altura ouvimos gritos. Aproximava-se o barco do *Ti'Antone Morte* (o *Fiúza*) que, sem nos ver, quase cortava o barco ao meio. Quando passou rente, agar-



O "Tio Manel Cavalheira" no cartaz da exposição do traje poveiro

rei-me ao capelo de proa. Valeu o vigia, o *Amadeu Cinco*, que gritou: *Ó Ti' Antone estão homens na água...* Foi a nossa sorte. Não te aflijas. *Vamos lá salvá-los....* - gritou o *Antone Morte*".

Mas, como o barco era muito pequeno, tornava-se difícil acomodar toda a gente. Pediu-se, então, ao *Tio João Patesca*, que navegava perto, se levava três ou quatro naufragos. Disse que não podia. O barquito do *Tio Morte*, agora com nove homens a bordo, com muita dificuldade, acabou por chegar a terra. Ainda faltavam uns bons cinquenta metros, o *Tio Manel*, tal como Deus o pôs ao mundo, atirou-se à água. Eram sete horas da manhã quando chegou à praia. Mal pôs o pé na areia, frente

ao Castelo, veio a correr para casa. Tremia de frio e sentia febre. As leiteiras, no Largo dos Correios (havia a Feira do Leite) ainda viram um homem nu a bater à porta de casa. Valeu, na altura, a *Teresinha do Pinguinhas* que, presenciando a cena, acudiu com uma botija de água quente e uma garrafa de cachaça.

## TRABALHAR SEM COMER

Era tripulante da motora "Poveirinha". Como mestre, o *ti' Manel Alaio*. Na segunda maré do mar, no profundo, a sudoeste de Ovar, puxava uma forte nortada. O mestre resolveu voltar para casa. No regresso, pelas sessenta braças, faltou o gasóleo e avariou o motor. O barco ficou à rola (3) à mercê das ondas e dos ventos.

O *Camer* era o motorista com o *Manel Chuleiro*. Põe chaves e tira chaves, limpa o filtro do gasóleo e... nada. Dez homens, angustiados, a bordo: O *Manel Alaio*, *Nia Calçada*, *Chico Massa Bruta*, *Manel Chuleiro*, *Domingos Caxineiro*, *Matias da Chinêla*, *Camer*, *Quim Caramelho*, *Manel Cavalheira* e *Tomás Cavalheira*.

Com o barco à deriva, ao sabor das ondas, cada um dava um palpite. O barco passou ao largo de Espinho onde se encontravam, ao longe, os "secotes", barcos franceses da pesca da lagosta. "Pusemos o remo ao alto com roupa de oleado, gritamos por socorro e ninguém nos viu. Chalandra à ré, chalandra à proa, e barco toda a noite à deriva até ao largo de Aveiro. Depois de dois dias sem comer e muita discussão, houve ordens determinantes. O *Xico Massa Bruta* e o *Domingos Caxineiro* mandaram pôr a "poita" ao fundo para que o barco viesse de "gangão" (4). Havia esperança de alguém nos ver. O Meu pai diz-me assustado: *Ó filho, não tivemos ninguém que morresse no mar, vamos agora morrer os dois!*".

De pano içado, andando muito lentamente, ao sabor do tempo, chegou à cala de Buarcos onde se encontravam a pescar arrastões portugueses e espanhóis. Topando algo de anormal, o arrastão "Miragaia", foi o primeiro a aproximar-se. Informado de uma avaria no motor, mandou saltar para bordo o seu 1.º motorista. Ainda dava a primeira olhada e já o chefe de máquinas interrogava o mestre *Alaio*: *Olhe lá, não tendo que comer vocês podem trabalhar? O motor sem gasóleo não pode andar. É essá a única avaria...*

Abastecida pelo "Miragaia", a embarcação "Poveirinha" pôs-se em movimento. O motor "Lister" de 40 CV arrancou a toda a força para a Figueira da Foz, onde o barco permaneceu três dias. A venda do peixe cobriu as despesas.

## FARTO DO MAR

Depois de 30 anos como tripulante de traineiras, em Matosinhos, e com mil e uma histórias para contar, *Manuel Cavalheira* regressou à Póvoa onde mandou construir a embarcação "Estrela do Alvor". Era ele tripulante e o mestre era o seu filho José. Um dia, ao largo de Leixões, quando carregava de sardinha, o barco abriu água e afundou-se com rapidez. Valeu a chegada do barco "Bernardo José" que salvou a companhia.

Comprou, mais tarde, o gasoleiro "Bela Aurora" e, como um azar nunca vem só, também esta embarcação se afundou, pondo em perigo de vida a tripulação. Era azar de mais.

Farto de mar, há 27 anos que, reside com a mulher, numa moradia em Averomar. Aos fins-de-semana vem à Póvoa, ao Bairro da Lapa, visitar os seus filhos, netos e bisnetos (família *Barbosa*), ou quando o chamam para alguma representação municipal. Há vinte anos "irmão" da Santa Casa, ainda hoje faz questão de transportar o andor do "Senhor dos Passos", na procissão do Enterro.

*Manuel Cavalheira* cumpriu o serviço militar, em Tancos, no "Batalhão de Pontoneiros". Era comandante da sua companhia o General Vasco Gonçalves (nessa altura era tenente). Numa visita ao Porto, na apresentação de um livro, *Manuel Lopes* levou o *Tio Cavalheira* à presença do General que foi 1.º Ministro. Um encontro mata-saudades, bastante demorado e emotivo, já que os dois se tornaram grandes amigos na tropa. Um abraço apertado selou a despedida.

1 - Escachado - *calão exagerado*; 2 - Trovão - *destemido*; 3 - Rola - *à deriva*; 4 - Gangão - *muito lentamente*.

## ERRATA:

1) Na crónica "Motas e Gasoleiros" (10/8/06) o primeiro gasoleiro chamava-se "Domingos José", e não "José Domingos". Na gravura do texto, vê-se a motora "José Domingos", levando a bordo o mestre *Domingos Caxineiro* e o seu cunhado *Zé Prusa*.

2) A história sobre o aparecimento do "alaud", a norte do Velódromo, passa-se em 20 de Março de 1907, e não 1914, como se poderá supor.